

— Ártemis — Continuando o Contra-ataque —

Minutos depois da explosão, Natto saltou no lago. A bomba fez a água subir e descer como um jato, causando um estrondo. Fale-me sobre coisas sem graça: aquela bomba podia ter mandado todos nós pelos ares. O que será que deu na cabeça desses caras do IPC? Desistiram de nos pegar vivos?

Bia abriu os olhos e viu nossas carinhas a rodeando. Na verdade, nós esperávamos seu despertar já fazia dois minutos. Ela estava encharcada, deitada sobre a grama, esboçando uma expressão boba. Olhou para nós fixamente e, quando se deu conta de quem éramos, seus finos lábios se alargaram.

— Bom dia, luz do dia — exclamou o Cavaleiro, também encharcado. Seus cabelos caíam sobre os olhos, fazendo-o parecer um surfista maluco. — Dormiu bem?

Bia respondeu com um som gutural, sentou-se na grama e surpreendeu o chefe com um abraço. Acho que os abraços dela eram os mais apertados e repentinos do mundo.

— Que bom — disse Natto, envolvendo-a de volta.

Eu e Équis nos entreolhamos. Aquela entreolhada do tipo “sorte a nossa que tudo deu certo no final”.

— Que bom que você está bem, Bia.

Natto voltou a se emocionar, as sobrancelhas franzidas como daquela vez em que ele se distraiu ao ver Bia pela primeira vez no auditório. Eu já estava ficando curiosa para saber o motivo. Será que o Cavaleiro era tão emotivo desse jeito? Nesses cinco anos que convivi com ele, sozinha, não me lembro de uma vez sequer em que ele tenha me apresentando uma genuína expressão triste ou séria que não fosse durante o trabalho... ou quando falávamos do nosso passado.

— Eu vi pelo que você passou, Bia — continuou Natto, alisando o cabelo dela por trás.
— Quando te toquei pela primeira vez, não sei o porquê, mas eu pude ver o que aconteceu com a sua família.

Bia permaneceu calada por um instante. Parecia estar se lembrando de algo. Eu tinha certeza de que, mesmo naquele estado, Bia nos entendia perfeitamente. Ela começou a balançar a cabeça pra cima e pra baixo e soltou uma risada, seus olhinhos brilhando. Tocou a mão do Cavaleiro e começou a apontar pra ele.

— Loirinho... — Acho que a escutei dizer.

Espera, eu a escutei dizer?

— Vocês ouviram isso? — perguntei, abismada.

Équis fez uma careta confusa. Natto balançou a cabeça.

— Acho que depois de um tempo — disse o chefe, fazendo um cafuné em Bia — a gente começa a entender nossa nova parceira.

Do outro lado do Instituto, nossa detetive favorita descia das colinas do planalto. Ray chegou, mandou seu batalhão acumular os corpos dos soldados e algemá-los, trouxe o esquadrão antibomba para verificar os prédios e, de quebra, ainda colocou o tal do Nevoeiro dentro de uma câmara de vidro. Eu não fazia ideia de onde é que surgiu aquela coisa: o que mais me intrigava era como em sua consciência o corpo de bombeiros tinha uma cápsula de vidro gigante de laboratório guardada em algum lugar. Fiquei pensando em como aquele cara iria respirar ali dentro, mas... que se dane. Ele se transformava em gás. Não devia precisar respirar, né?

Levamos Bia até sua cadeira de rodas e subimos o planalto para conversar com a Detetive Ray. Ela estava sendo entrevistada por alguns repórteres que chegaram depois da confusão. Ao redor, o mesmo acontecia com as pessoas normais. E claro, só não vieram atrás de nós porque pedimos com jeitinho que ficássemos em paz por um tempo.

A detetive, contudo, fez um sinal para esperarmos, por isso fomos checar a situação da Rose. Nossa parceira fez um trabalho incrível para alguém ainda pegando o jeito da coisa de super-herói. Ela tinha acabado de levar um tiro de canhão na fuça, então, obviamente, estávamos preocupados com seu estado físico.

— Ela vai ficar bem. Por sorte, não fraturou nenhum osso. Vai levar alguns pontos aqui e ali, mas, fora isso, apenas ferimentos leves. Deve estar ótima em uma semana — disse um médico, olhando em direção à ambulância que levava Rose. Ele trajava um jaleco amassado com gola alta e um estetoscópio largado de qualquer jeito no pescoço. Os cabelos eram levemente desgrehados como os de um cientista louco, aparência que se completava com aqueles óculos

quadrados e modernos. Não podia negar que ele era até bonito. A pele lisa o fazia parecer jovem, embora já devesse passar dos trinta anos.

— Obrigado, Dr. Novak. — Natto o cumprimentou com um aperto de mão. — Cuide bem da nossa Garota Flamejante.

— Humph, pode deixar comigo — respondeu o doutor. — Eu não vim para cá no intuito de ficar olhando vocês, garotos, trabalharem. Até um super-herói precisa de alguém para curar seus ferimentos. Aliás, você deveria fazer um *check-up* comigo agora mesmo, mocinho. A enfermeira me contou o que houve com você e, mesmo para alguém com seu nível de regeneração celular, acredito que sequelas sempre possam comprometê-lo. Você não quer perder os movimentos do braço daqui a um mês, quer?

— O-O q-queê? — Natto se assombrou quando o doutor lhe lançou um olhar malicioso. Até parece que esse panaca do Natto pensava nessas coisas, doutor.

— É brincadeira, chefe — disse o doutor, piscando o olho. Um médico *bonitão e simpático*, pensei, *que combinação, hein*. — De todo modo, passe na minha sala amanhã, caso o Instituto abra.

— Claro que vai abrir — emendou Natto. — O que aconteceu aqui hoje não foi nada, doutor. Nós somos invencíveis.

— Isso eu já percebi, Cavaleiro. Mas não passem da conta. Vocês têm uma grande equipe agora, pronta para lidar com os problemas de maneira conjunta. Não vão querer jogar isso fora por causa de uma batalha, vão?

— Ah, é! Por falar nisso, eu esqueci de te apresentar à Ártemis e ao Équis. Pessoal, este é o Dr. Marcos Novak. Ele vai ser o médico do nosso time a partir de hoje. Agora nós já temos uma detetive, um médico e uma repórter. Nosso time de suporte está completo!

— Prazer em conhecê-los, meninos — cumprimentou o doutor.

— E aí, Doc, beleza? — Équis respondeu. Eu apenas acenei com o braço e um “Olá”. Na verdade, eu estava com um pouco de dó do doutor Novak por ele ter aceitado esse trabalho. As pessoas não faziam ideia das loucuras que o Cavaleiro podia lhes meter. Será que a Irina, uma mulher de quase meia-idade formada em Jornalismo, imaginou que, alguma vez na vida, precisaria manusear um rifle e atirar em alguém?

— Ah, não esquite com isso, menina. Meu pai me ensinou tudo sobre armas. Ele adorava caçar cervos e alces na neve para falar a verdade. Sabe como são os russos, não sabe?

— disse Irina, se aproximando por trás logo depois de eu perguntar aquilo em voz alta. Seu olhar sonolento e lunático deitou-se em cima de mim. Será que ela iria continuar a usar aquelas roupas militares roubadas do IPC ou iria voltar a se vestir como dançarina? Ela gostou ou não de experimentar adrenalina?

— Ah, então vocês estão aqui... — A detetive Ray chegou e começou a falar. Nosso grupo, de acordo com Natto, ficou completo naquele instante. — Aparentemente, alguns soldados conseguiram escapar, mas estamos à procura deles. Esses caras foram treinados para não falar nada, ainda mais quando isso envolve a organização paramilitar ilícita deles. Não se preocupem, logo vou lhes trazer mais informações do que aconteceu aqui hoje, apesar de vocês poderem me dizer melhor do que ninguém o que houve. E, sinceramente, eu gostaria de ouvir apenas vocês. As pessoas normais começam a falar besteiras demais depois de passarem por uma emoção dessas, se é que me entendem.

Flashback de garotos de doze anos fazendo gestos e gritando coisas do tipo “Nossa, aí o Cavaleiro fez isso e o cara de gás tentou fazer aquilo, e aí, nossa, caramba, tudo explodiu... Que demaaaaaaaaais.”

— Nós vamos contar tudo — respondeu Natto, esboçando uma cara de besta. — Nosso contra-ataque apenas começou, Detetive.

— C-Como assim? — perguntei, curiosa. Ele não era de dizer coisas pretensiosas como aquela, mesmo parecendo um idiota.

— Não é óbvio, Ártemis? Nós vamos lutar para acabar com esses inimigos de uma vez por todas. Precisamos pegar o líder deles. Só assim teremos paz.

— Opa, opa, opa! — interrompeu Équis. — E como você pretende fazer isso, chefe? Eu já aviso que não sei de nada, fui só um mero soldado no meio da multidão. Na verdade, a única informação que eu tenho é a localização do mini-Q.G. deles.

— Espera, você sabe onde eles estão escondidos? — perguntou Ray, aparentando surpresa.

— Não exatamente — respondeu Équis. — Eu e os soldados mais novos ficávamos num quartel abandonado, no meio da floresta. Não é muito longe daqui para falar a verdade, porém não há mais nada naquele lugar. Eles limparam tudo antes de virmos pra cá.

— Bem, seria bom se você pudesse nos levar até lá, de qualquer modo — disse Ray. — Nós não levamos muito na esportiva sequestro e formação de organizações paramilitares. O Instituto Paramilitar de Ciência e Tecnologia foi declarado ilegal já faz cinco anos.

— Nem me fale — respondeu Équis, parecendo no mundo da lua. Ele costumava ser assim desde que nos conhecemos. — Só estou feliz de estar reunido com a minha família. Mas, de qualquer modo, se há alguém aqui que sabe de algo sobre o Instituto é aquele cara ali.

Équis apontou para o tubo de ensaio em que o Nevoeiro estava preso. O Comandante patriota-maluco estava sentado, brincando de fazer nuvenzinhas com a fumaça do cigarro na boca. Viram só! O que foi que eu falei sobre aquele cara não precisar respirar? Como será que esse maluco aguentava essa intoxicação?

— Nós vamos ver o que vai ser dele — disse Ray. — Acho que interrogá-lo não será muito fácil, já que não podemos tentar práticas mais... intimidadoras num cara que vira gás.

— Tá bom, tá bom, chega de conversa — exclamou Natto, pegando Irina e Ray pelas mãos e se aproximando do Dr. Novak. O que será que ele estava planejando? — Doutor. Repórter, Detetive. Quero que conheçam um ao outro. Vocês, neste exato momento, foram proclamados os Representantes Oficiais da Sociedade Civil do Cavaleiro. O que acham disso?

O Doutor deu uma rápida olhadela na Detetive, seguida por um risinho da Repórter. A Detetive entreabriu a boca, seus olhos estavam meio sem saber o que fitar. Algo ali me cheirou a uma tensão entre os três. Será que já se conheciam de algum lugar?

— O-Olá, doutor... — gaguejou Ray, com a face meio pálida. Espera, acho que agora captei a situação. Aliás, meu deus, eu não acreditava no que meus olhos estavam vendo. Ray encarnou uma menina de doze anos apaixonada ou é impressão minha?

— Então você é a senhorita Ray. Prazer em conhecê-la — falou o Doutor. Eles apertaram as mãos, e acho que ouvi de longe um suspiro da Detetive. Sério, ela não tirava os olhos dele. Era algo comum mulheres de meia-idade se comportarem como garotas inseguras? O doutor se virou para Irina. — Bem, acho que a repórter mais famosa da cidade dispensa apresentações.

— Não sou de me gabar, mas acredito que sim — disse a repórter, abanando as mãos. — Parece que nosso amigo, Cavaleiro, nos uniu para um bem maior. Nesse meu ramo é preciso de amigos e contatos. Talvez a senhorita Ray possa até nos dar um furo de reportagem sobre algum criminoso por aí.

Ray olhou Irina e ficou a examinando por um tempo. O que era aquele olhar de rivalidade tenso?

— Na verdade, Srta. Konstantin, você é quem deveria me ajudar no meu trabalho. Ultimamente, meus investigadores estão meio lerdos. Alguém rápida como você, que descobriu a identidade do herói antes de todo mundo, deve ser melhor do que muitos nesse ramo.

Em seguida, as duas olharam para o Doutor Novak, acho que buscando por algum comentário semelhante.

— Não olhem para mim, eu sou só um médico comum, sem ligações com mafiosos, nem nada. Hahaha.

— Estou adorando essas interações — disse o Cavaleiro com os olhos brilhando. — É o início de uma longa amizade. Por que vocês não vêm tomar um drinque um dia desses aqui no ICS? Temos uma área exclusiva para adultos também.

— HUUUUUUM, por que não? — disse a detetive, dando de ombros enquanto fitava o Doutor. — Já que faremos parte do mesmo bando, não vejo motivo para recusar. Além disso, eu sou a detetive responsável pela comunicação da polícia com o herói da cidade. Acho que também preciso de um pouco das regalias que meu cargo pode me dar.

— Eu concordo muito com isso — disse a repórter. — Aliás, não precisam de tanta formalidade. Me chamem como os garotos chamam, apenas de Irina.

— O mesmo vale para mim — concordou a detetive. — Me chamem de Ray.

O Doutor Novak acenou e disse:

— Eu até diria para vocês me chamarem pelo meu nome, porém, “doutor” soa mesmo mais pomposo e importante.

A observação fez todos eles começarem a rir. Estava sendo bem estranho ver aquela cena. Será que todas as interações humanas entre adultos normais de meia-idade soavam tão engraçadinhas desse jeito?

— E-Então, doutor, v-você tem o costume de beber? Estou meio que tirando uma folga depois daqui... — comentou a detetive, pigarreando e suando frio. Tive a vontade automática de dar um tapa na cara dela. Quanta vergonha alheia chamar alguém para sair logo depois de conhecê-lo no meio do trabalho. Desespero é complicado, mas, sei lá, né? Amor à primeira vista pode acontecer também, sem sombra de dúvida. Se a Rose estivesse aqui, ela já estaria

sussurrando no meu ouvido com aquela voz sombria e um semblante entusiasmado: “*Eu shippo esses dois, Ártemis!*”. Seria bem fofinho, de um jeito incrivelmente assustador.

— Parece ótimo para mim — respondeu o doutor. — Que tal aquele bar que abriu ontem lá no centro?

— S-Sim, é... Eu ia falar dele, agora mesmo — pigarreou a detetive.

— No meu carro ou no seu? — perguntou o Doutor. Naquele momento, Irina se pôs entre os dois, enganchando os braços nos pescoços de ambos e anunciou sua vontade.

— Ah, eu adoraria me divertir também, pessoal. Vocês não vão me deixar de fora dessa, vão? Precisamos criar laços agora que vamos trabalhar juntos!

— Fique à vontade... — murmurou Ray, desviando o olhar. Dava pra notar a resignação na voz dela. É isso aí, Irina, você acaba de dismantelar os planos da detetive solteirona mais bonita do pedaço.

Depois que a polícia terminou de varrer o ICS, já era bem tarde da noite. Eu, Natto, Équis e Bia tivemos de ir para casa em nosso velho Opala (Équis é quem foi dirigindo, para evitar que a destruidora de hidrantes aqui dominasse as ruas de Portoleste). Rose chegou à mansão num táxi pouco tempo depois de nós.

Ter novos integrantes no time era como um sonho. O Équis, às vezes, podia ser chato, mas não dava pra negar que eu gostei de saber que ele estava vivo. É verdade, aquele garoto era o terceiro membro dessa nossa pequena família. Eu e o chefe ficamos bem magoados naquele dia em que escapamos do IPC, deixando-o para trás. No fim das contas, nada mudou entre a gente nesses cinco anos, mesmo ele ficando mais rebelde e... palhaço, para variar.

Quando acordei no dia seguinte, a manhã parecia mais iluminada. Grandes feixes de luz penetravam a janela do meu quarto. O entusiasmo corria nas minhas veias e fazia meu corpo ter mais energia do que nunca. Escovei meus dentes, liguei o chuveiro da minha banheira novinha em folha e fiquei lá, amolecendo por um tempo. As dores da batalha de ontem ainda estavam indo embora dos meus músculos. Eu e Rose precisávamos mesmo de um dia juntas no *spa* para retomarmos nossa forma física. De quebra, podíamos levar a Bia também. A coitada tinha corrido que nem uma louca e quase morrido afogada. O que será que era pior: isso ou levar um tiro de canhão na cara?

Esvaziei a banheira, vesti uma regata estilosa da minha banda de rock favorita (The Pretenders, é claro, de onde você acha que eu tirei meu corte de cabelo?) e uma saia longa de

retalhos coloridos. Meu jeito era mesmo incomparável: dava até para ficar horas me olhando no espelho, sem um pinga de narcisismo.

Brincadeirainha.

Eu sei, isso foi estranho.

Saí do quarto e desci as escadas. Não encontrei ninguém no caminho pelos corredores, então o pessoal devia já estar na mesa do café. Fazia quanto tempo mesmo que eu só tomava café da manhã com o chefe? A empolgação para uma nova fase na minha vida, uma mesa cheia de gente e com um monte de gostosuras preparadas pelo Natto, o melhor dono de casa do mundo, (podem apostar) era de 100%.

Não deu outra: fui recebida com três olhares e meio, já que Bia estava dispersa em sua cadeira de rodas, devorando uma tigela de mingau. Natto parecia um pai de família sentado na ponta da extensa mesa de madeira, feita de carvalho e escolhida por mim. Ele vestia um avental de culinária azul e tinha até colocado aquele enorme chapéu branco de chefe. Équis e Rose estavam sentados um na frente do outro. Pareciam um pouco envergonhados, já que não se conheciam direito. Ambos sorriram ao me ver, mas foi o chefe quem se ergueu.

— Ártemis! Olhe só esse banquete de boas-vindas especiais que eu preparei especialmente para a chegada da nossa nova integrante, Bia, e para a recepção de nosso velho irmão Équis. Uma salva de palmas aos dois, por favor!

Todos nós fizemos como ele mandou. Natto era mestre nessas coisas de ser o anfitrião da festa. E também era mestre em fazer o melhor banquete da face da Terra, cheio de frescuras alimentícias. Panquecas caramelizadas, bolinhos de chocolate com chantilly, pão de cebola recheado com *cream cheese* e um aroma maravilhoso do nosso café brasileiro especial no ar.

O que mais eu poderia pedir?

Alguém pareceu ter lido por dentro de mim naquele instante. Sem nem me dar um tempo para respirar, Natto fez um anúncio logo depois de eu me sentar ao lado de Rose e cravou nosso futuro:

— Ártemis, prepare seu coração. Eu tenho mais uma surpresa. Depois de muito pensar sobre o assunto, eu decidi que o Instituto Contra a Solidão vai ser também uma escola em vez de ser algo extracurricular. Isso faz sentido, já que lá tem tudo que uma escola precisa ter. E... eu estava, desde ontem, pensando na possibilidade de nós voltarmos a estudar também. Agora, de uma vez por todas, não só como algo temporário. Todos nós, juntos, na mesma classe. Não

é justo que só a Rose possa se divertir afinal, certo? Acho que deveríamos ficar todos juntos e ser a melhor panelinha escolar do mundo. O que acha?

Ele parecia feliz mesmo, de verdade, dizendo aquilo enquanto me servia um copo de suco. Para ser sincera, pensei bastante em como seria uma vida escolar com todos nós juntos. Não me sentia orgulhosa de ter abandonado os estudos tão nova, apesar de ter sido por uma boa razão. A verdade é que, só às vezes, eu sentia a falta de um objetivo na minha vida. O Natto queria uma coisa: mesmo sendo impossível e não dependendo só dele, ele queria ser um empreendedor social (isso soa pior do que eu imaginei). Já eu? Eu só o seguia, me irritando, chorando e rindo, passivamente. Quando aceitei esse trabalho, eu só pensava em seguir com a minha vida, viver sem grandes sonhos, nem pensar muito no meu futuro. Ajudar as pessoas ao meu redor era importante, e eu me sentia ótima fazendo isso. Mas... faltava algo a mais para mim.

Algo que eu nunca tive na vida. Algo que preenchesse minhas necessidades e aflorasse meu coração.

Podia ser qualquer coisa. Eu jamais me importaria de ter uma vida normal, trabalhar, seguir carreira em alguma profissão chata e ser uma heroína nas horas vagas. Parecia a vida perfeita para mim, ainda mais vivendo junto com meus companheiros. Eu seria feliz pelo resto da minha vida, com toda certeza, se fizesse algo que eu gostasse tendo eles do meu lado. Tendo o Natto do meu lado.

Aquela era, sem dúvidas, uma oportunidade única para mim, Équis e o chefe. De certo modo, para Bia também. Nós não tivemos memórias juntos como adolescentes normais da nossa idade. Será que esse era o motivo de sermos meio bobalhões, mesmo tendo idade de graduandos do colegial? Por um momento, eu vi nossa felicidade há uma distância mínima de nós, numa só imagem, como dissera Natto: todos juntos, estudando e sonhando de novo. E então eu percebi que sonhar era um direito que foi tirado de nós. Nossas vidas pararam naquele momento em que, nos divertindo como crianças no Orfanato de Portoleste, o IPC nos capturou e arrancou de nós nossa felicidade. Agora, só depois de cinco anos, é que nossas vidas continuariam.

Acho que ter uns seis anos de atraso escolar não era tão ruim assim se eu quisesse aprender química e física, né? Já estou até prevendo minhas notas nessas matérias...

Pela primeira vez na história, com todos eles me observando (incluindo Bia), eu olhei nos olhos do chefe, me levantei da cadeira e disse com um sorriso:

— Sabe de uma coisa, Natto? Acho que essa ideia é perfeita.

E foi então que nós voltamos à plenitude das nossas vidas.